

**O JORNALISTA COMO CONTADOR DE ESTÓRIAS HISTÓRICAS:
ANÁLISE DO FAZER JORNALÍSTICO LITERÁRIO DE SVETLANA
ALEKSIÉVITCH NA PRODUÇÃO DO LIVRO VOZES DE TCHERNÓBIL.**

***THE JOURNALIST AS A STORYTELLER OF HISTORICAL STORIES:
ANALYSIS OF SVETLANA ALEKSIÉVITCH'S LITERARY JOURNALISTIC
MAKING IN THE PRODUCTION OF THE BOOK VOZES DE TCHERNÓBIL.***

DANIELA ESPERANDIO DIAS

Graduanda Jornalismo

danielaesperandio@hotmail.com

MIRELLA BRAVO DE SOUZA BONELLA

Profª. Ms. Centro de Pós-graduação FAESA

mirella.bravo@faesa.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise das marcas narrativas do fazer jornalístico literário de Svetlana Aleksievitch presentes no livro-reportagem Vozes de Tchernóbil e entender como essa obra jornalística literária contribui para contar a história do acidente de Chernobyl em uma versão para além do fato, mostrando o lado emocional das fontes. Para o estudo, foi necessária a utilização das metodologias de pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa, exploratória e, por fim, do método de análise de conteúdo. Por meio da pesquisa, foi possível compreender a importância do livro-reportagem na exploração de um assunto e aprofundamento dele, e em como Aleksievitch utilizou recursos do Jornalismo Literário para aproximar o leitor e compartilhar vivências das vítimas da radiação liberada pela usina de Chernobyl de uma maneira mais íntima e detalhada.

Palavras-chave: Vozes de Tchernóbil. Memória coletiva. Livro-reportagem.

ABSTRACT

*This article aims to analyze the narrative marks of Svetlana Aleksievitch's literary journalistic work present in the book-report *Voices de Tchernobyl* and to understand how this literary journalistic work contributes to tell the story of Chernobyl's accident in a version beyond the fact, showing the emotional side of the victims. For the study, it was necessary to use bibliographic, documentary, qualitative, exploratory research methodologies and the content analysis method. Through research, it was possible to understand the importance of the book-report in exploring a subject and deepening it, and how Aleksievitch used resources from *Literary Journalism* to bring the reader closer and share the experiences of the victims from the radiation that was released by the Chernobyl accident for a more intimate and detailed way.*

Keywords: *Voices de Tchernobyl. Collective Memory. Book-report.*

1 INTRODUÇÃO

Sirenes, explosão, fogo, confusão e desespero. Na madrugada do dia 26 de abril de 1986, na Ucrânia, aconteceu o desastre de Chernobyl, considerado o maior acidente nuclear da História, marcado pela negligência e o sacrifício. O que deveria ser apenas um teste de segurança em um dos reatores do complexo da Usina Atômica V.I. Lênin, conhecida como Usina de Chernobyl, se transformou em um enorme problema que ceifaria a vida de várias pessoas e adoeceria muitas outras devido a enorme quantidade de material radioativo liberado.

Não é por coincidência que diversos estudos foram feitos sobre o desastre, assim como peças artísticas e documentais, levando informações sobre a história trágica do ocorrido para todo o mundo. Uma das produções que aborda esse fato histórico e conta os bastidores do acidente e da vida pós-catástrofe é o livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil*, escrito pela jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch. Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo que teve como tema entender as marcas narrativas do fazer jornalístico literário de Aleksievitch na obra.

O objetivo geral da pesquisa se voltou para a análise do livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* com o propósito de compreender como essa obra literária jornalística contribui para contar a história do acidente de Chernobyl em uma versão para além do fato, mostrando o lado íntimo e emocional das fontes. Já os objetivos específicos deste trabalho foram: estudar a história do Jornalismo Literário; estudar a história do acidente nuclear de Chernobyl; estudar sobre o conceito de memória coletiva; analisar o livro *Vozes de Tchernóbil* e identificar as marcas narrativas do fazer jornalístico literário da autora Svetlana Aleksievitch.

Para a construção deste trabalho foram utilizadas as seguintes metodologias: bibliográfica e documental, na função de estudar conceitos importantes sobre as temáticas presentes no trabalho; qualitativa, que visou a adentrar na obra de Aleksievitch e, por meio de estudos, entendê-la melhor; exploratória, que teve como objetivo explorar o tema e construir uma visão geral sobre ele; e análise de conteúdo, a qual deu o suporte no momento de análise do livro *Vozes de Tchernóbil* ao categorizar o conteúdo, contribuindo para a interpretação da pesquisadora sobre a narrativa construída por Aleksievitch no título.

2 JORNALISMO E LITERATURA

O Jornalismo é uma atividade que trabalha para disponibilizar informações ao público da maneira mais atraente possível, tendo sempre o compromisso com a ética e com a verdade dos fatos. Ele mantém os consumidores de notícias informados por meio de conteúdos com uma pluralidade de vozes, mostrando os vários lados de determinado acontecimento (LAGE, 2014).

Desde os conteúdos pré-jornalísticos, o Jornalismo esteve junto da literatura, sendo que características dessa união puderam ser encontradas em obras pré-jornalísticas produzidas no Egito Antigo, há aproximadamente três mil anos (CASTRO, 2010). No mundo atual, três milênios depois, essa junção ainda continua. Na verdade, Lima (2009) afirma que se tem notado o crescimento da produção do Jornalismo Literário, um gênero ainda não reconhecido oficialmente, e que une a literatura com o Jornalismo.

O Jornalismo Literário é o uso de conhecimentos, técnicas e narrativas literárias no fazer jornalístico. Por meio dele, a noção de informação deixa de ser aquela de possuir o máximo de conteúdo possível em um mínimo espaço e se transforma em algo mais complexo, possibilitando a beleza da expressão no texto, com uma diversidade de narrações, além de apostar no prazer da produção por parte do jornalista. Nele, tem-se a adoção do humanismo e fuga da obviedade, porém, é necessário se ater aos fatos reais, sem invenções e criações de histórias. “Na linha dessa vertente, vigora um profundo humanismo e sepultam-se definitivamente alguns mitos do Jornalismo, como a impessoalidade, imparcialidade e a primazia do lead” (NECCHI, 2009, 103).

O Jornalismo Literário se preocupa em dar profundidade nos relatos jornalísticos, portanto, tem-se a necessidade, por parte do jornalista, de uma imersão e observação maiores na história a ser contada. Esse campo proporciona visões cada vez mais amplas do que é abordado no texto, utilizando as técnicas tradicionais do Jornalismo e as potencializando, sem se preocupar com o deadline, periodicidade e atualidade. O objetivo dele é dissecar e estudar os fatos, contextualizando-os da maneira mais abrangente possível (PENA, 2007). Vários formatos de produção jornalística são aptos para serem trabalhados com o Jornalismo Literário, como as reportagens temáticas, perfis, biografia e, principalmente, o livro-reportagem (LIMA, 2016).

Svetlana Aleksievitch, autora de *Vozes de Tchernóbil*, que é o foco deste artigo, utilizou o formato

do livro-reportagem para contar a história dos bastidores da tragédia ocorrida na usina nuclear de Chernobyl, e trabalhou com Jornalismo Literário propiciando o que foi explicado por Pena (2007): visões amplas e observações maiores das histórias compartilhadas pelo livro. A escritora utilizou recursos jornalísticos e literários para construir essa obra, a qual é informativa e humana.

Por ser a autora do título estudado, tem-se a necessidade de fazer uma abordagem sobre Svetlana Aleksíévitch nesta pesquisa. A escritora de Vozes de Tchernóbil é uma ucraniana nascida em 1948 na cidade de Ivano Frankivsk. Filha de pai bielorrusso e mãe ucraniana, ela cresceu na Bielorrússia e estudou para ser jornalista na Universidade de Minsk. Após formada, trabalhou como jornalista, editora e professora, e ao longo da trajetória profissional, prestou serviços a diversos veículos de imprensa como o jornal *Rural Newspaper* e a revista literária *Neman*. Além disso, enquanto trabalhava com o Jornalismo, Svetlana também produzia os próprios livros, que são focados em contar a história da Rússia Soviética, começando pela Revolução de 1917 (CORREIO BRAZILIENSE, 2015).

Aleksíévitch escreveu livros com uma pluralidade de visões e fontes. O trabalho mais famoso dela foi o ciclo Vozes da Utopia, projeto dividido nos cinco livros *A guerra não tem rosto de mulher*, *As últimas testemunhas: crianças na Segunda Guerra Mundial*, *Meninos de Zinco*, *Encantados com Morte* (tradução literal para o português) e *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. Eles abordam e criticam os regimes políticos tanto da União Soviética quanto da Bielorrússia (THE NOBEL PRIZE, 2015). O processo de construção das obras levou cerca de 40 anos (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Em *Vozes de Tchernóbil*, livro-reportagem estudado por esta pesquisa, Aleksíévitch conta os bastidores do acidente que ocorreu no reator quatro do complexo da Usina Atômica V.I. Lênin, em Chernobyl, na Ucrânia. Ao invés de explicar sobre o fato, Aleksíévitch buscou relatos pessoais das vítimas. Com isso, a jornalista entrevistou muitas pessoas e conseguiu pontos de vista variados. Por mostrar a verdade sobre os perigos da radiação, *Vozes de Tchernóbil* é um livro censurado na Bielorrússia, mesmo após o fim do regime soviético. Na verdade, qualquer livro da autora é completamente proibido de circular nas escolas, e além disso, ela é proibida de discursar em escolas, rádios e TV's do país (ACADEMY OF ACHIEVEMENT, 2017).

Cada livro do ciclo *Vozes da Utopia* teve uma produção longa, demorando entre sete a dez anos para ser finalizado, e para cada obra, cerca de 700 pessoas foram entrevistadas (COMPANHIA DAS LETRAS, 2016). Por meio do vasto material colhido nas entrevistas, a autora mostrou o ponto de vista desses indivíduos e os transformou em um mural de vozes. “Pode-se dizer que cada história é como um tijolo. Ela não é incomum sozinha, mas quando colocada junto das outras, você constrói um prédio incrível” (ACADEMY OF ACHIEVEMENT, 2017, tradução nossa)¹.

Os perfis dos entrevistados, segundo a autora, eram de pessoas simples, diferente de indivíduos intelectuais que poderiam ser influenciados pela propaganda do governo. Com fontes simples, para a jornalista, a verdade estaria mais próxima. Além disso, ao falar sobre pessoas simples, ela acreditou estar contribuindo com as fontes ao manter viva a memória delas (ACADEMY OF ACHIEVEMENT, 2017).

Segundo Aleksiévitich, o que ela faz não é Jornalismo. “Se você só coleta informações, é Jornalismo. Se você descreve os sentimentos da pessoa, é literatura. E eu não quero só saber a informação superficial. eu quero saber sobre aquela pessoa no geral” (ACADEMY OF ACHIEVEMENT, 2017, tradução nossa)². Porém, essa afirmação pode ser vista de outra maneira. Estudiosos como Mariana Reis (2017), contestam essa visão de Aleksiévitich, pois, para esta, o Jornalismo exerce o papel apenas de ouvir os fatos e os relatar, não interferindo no processo de análise da informação, o que é uma definição muito rasa da profissão. Reis (2017) explica que na produção dos livros Aleksiévitich atua como uma jornalista-narradora e mediadora social, possibilitando reflexões sobre determinado tempo e colaborando com a reconstituição da história.

O jornalista Edvaldo Pereira Lima (2016), cofundador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, também afirma que Aleksiévitich praticou Jornalismo Literário na produção das obras. Para ele, a nomeação desse campo ainda sofre com incertezas.

¹ Tradução da pesquisadora: “You can say that every story is like a brick. And you can say that they are not really sort unusual on its own, but when you put it all together, you build an amazing building”.

² Tradução da pesquisadora: “If you just collect information, it’s Journalism, but if describe the person, if you find out the inner side of the person, that’s literature. And I don’t want to just know the superficial information. I want to know that person in general”.

Essa existência pouco convencional do Jornalismo Literário, habitando o terreno de interconectividade intelectual entre o Jornalismo e a literatura, fez com que a modalidade ganhasse denominações diversas, até que passasse a predominar essa mesma – com ressalvas e restrições, sem uma aceitação hegemônica –, ficando limitadas a um segundo plano outras opções, como Jornalismo narrativo, literatura criativa de não-ficção, literatura da realidade (LIMA, 2016, p. 4-5).

Assim como define Necchi (2009), o Jornalismo Literário utiliza conhecimentos do universo literário para produzir conteúdos jornalísticos. Tem-se a adoção do humanismo durante a criação, complexidade nas histórias e diversidade de narrações. É um trabalho mais profundo e trabalhado, tanto lexicalmente quanto em relação à produção, que visa a sair do lead básico do Jornalismo tradicional e da obviedade. Claramente, ao dispor das características do texto que desenvolve no seu trabalho, Aleksievitch traz tanto o Jornalismo quanto a literatura ao debate mostrando que o fazer é híbrido, próprio do Jornalismo Literário. Para a produção de *Vozes de Tchernóbil*, entende-se que a autora utilizou tanto do Jornalismo quanto da literatura.

Por meio da união desses campos, Aleksievitch produziu um livro-reportagem que mostrou aos leitores histórias por trás do acidente nuclear de Chernobyl as quais não tiveram espaço na grande mídia. Ela compartilha os bastidores da vida das vítimas, e em como o desastre afetou a vida de tantas pessoas.

Assim que o reator explodiu, aproximadamente 100 elementos radioativos foram expelidos para a atmosfera, incluindo o iodo, estrôncio e céσιο, considerados como os mais perigosos à saúde e que têm maior longevidade (IAEA, 2020). Naquela época, o homem soviético não conhecia muito sobre radioatividade, e devido a isso, várias pessoas não compreenderam o perigo da situação, pois o ambiente aparentava estar normal, afinal, a radiação não podia ser vista, era invisível. Muitos indivíduos colaboraram com a limpeza dos vilarejos mais próximos. Enquanto trabalhavam, não usavam vestimentas que os protegessem contra a radiação, e o resultado dessa negligência por parte tanto do governo quanto dos próprios habitantes foi o adoecimento e falecimento daqueles que ficaram em contato com a radioatividade (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Em *Vozes de Tchernóbil*, muitas vítimas contam as próprias histórias e variadas opiniões são compartilhadas. Têm-se aqueles que se mostram contra o governo, e aqueles que se posicionam a favor. Alguns não acreditam no impacto da radiação, enquanto outros afirmam ter medo dela.

Mesmo com visões contrárias acerca do ocorrido, é possível perceber que uma opinião vigora entre todos os monólogos apresentados no livro-reportagem: o acidente nuclear de Chernobyl mudou, completamente, a vida de todos aqueles que viviam próximos ao complexo nuclear.

3 LIVRO-REPORTAGEM E A MEMÓRIA COLETIVA

Como já abordado, Aleksiévitich utilizou o formato do livro-reportagem para contar os bastidores da tragédia de Chernobyl. Rocha e Xavier (2013, p. 144) definem o livro-reportagem como uma obra que “trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do Jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias”.

Belo (2013) explica que o livro-reportagem se mostra como um instrumento jornalístico que necessita de uma apuração mais densa, extensiva e profunda do assunto tratado. A história, personagens e situações precisam ser explorados de forma detalhada. Essa complexidade no momento da produção se dá, principalmente, porque não existe um deadline e um imediatismo em relação ao tema, e dessa forma o jornalista não precisa preparar o material dentro de um tempo limite.

Na produção de um livro-reportagem, Rocha e Xavier (2013) apontam regras essenciais: a apuração, que é necessária do início ao final da produção; uma pesquisa extensiva sobre o tema; a escolha de fontes segundo a abordagem do livro; a pluralidade de fontes; a exploração da humanização, porém, sem excesso, para não transformar o texto em um conteúdo sensacionalista.

Em *Vozes de Tchernóbil*, essas características apontadas por Rocha e Xavier (2013) podem ser identificadas. A apuração, de acordo com entrevistas concebidas pela escritora, foi árdua e extensa, assim como a pesquisa extensiva sobre a temática, afinal, como já apresentado, a produção de cada livro de Aleksiévitich do projeto *Vozes da Utopia* levou cerca de dez anos para ser concluída — exceto *Vozes de Tchernóbil*, que demorou aproximadamente 20 anos para a finalização. A pluralidade e escolha de fontes que tivessem desdobramentos interessantes para a colocação no livro também foram critérios concretizados, pois, para cada obra, Aleksiévitich entrevistou cerca de 700 pessoas e, posteriormente, no momento de junção dos depoimentos, fez a escolha de

aproximadamente 100 deles, os quais possuíram muitas informações e pontos de vista variados do ocorrido.

O único quesito que entra em contradição com o livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* é o da humanização. Rocha e Xavier (2013) afirmam que o lado da humanização precisa ser trabalhado, porém, sem excesso, para não emocionar o leitor e não causar o sensacionalismo. Na obra de Aleksiévitich, todavia, a humanização é retratada nas falas dos entrevistados, que aparecem como os próprios narradores. Os personagens falam com o leitor diretamente e mostram seus sentimentos sobre a situação, ao mesmo tempo em que relatam as experiências vividas.

A jornalista Fabiana Moraes afirma que o uso da emoção em livros-reportagem não é uma regra para afirmar que determinado conteúdo é sensacionalista ou não. Tudo depende da maneira com a qual os adjetivos e a emoção são trabalhados no texto. Existem livros-reportagem que dão espaço para a emoção e não são sensacionalistas porque são éticos, e a ética precisa estar na obra, fazendo jus ao assunto tratado e às pessoas envolvidas nele. “A emoção é uma forma de informação; o adjetivo fala a respeito das coisas, das pessoas, permite construir cenas, personagens, impressões” (CEPE, 2020).

Para Costa e Silva (2017), o livro-reportagem precisa: explorar as características físicas e psicológicas dos personagens; narrar as cenas de forma detalhada; dar espaço para o jornalista narrar e ter poder para opinar sobre as temáticas abordadas. Esses pontos também são identificados na obra de Aleksiévitich.

A característica sobre o espaço para a narração e opinião da escritora aparece em um capítulo próprio em *Vozes de Tchernóbil* porque Aleksiévitich, além de trabalhar com um livro que preserva a história de várias vítimas da catástrofe de Chernobyl, também pôde se incluir como vítima, pois morava perto, era da Bielorrússia. Ela também sofreu com o desastre nuclear e foi afetada por ele.

Tem-se, portanto, a preservação da memória do próprio povo de Aleksiévitich e de uma vivência que ela mesma experienciou. A escritora afirmou que dar espaço para as vítimas contarem as próprias histórias foi fundamental para manter viva a memória delas, pois essas pessoas foram esquecidas pelo governo (ACADEMY OF ACHIEVEMENT, 2017).

No entanto, mesmo sendo um material que guarda histórias e relatos, deixando-os imortalizados, pesquisadores não entram em consenso sobre o papel do Jornalismo a respeito da preservação da memória. Menezes (2007) aponta em seus estudos que, enquanto alguns estudiosos acreditam que o Jornalismo contribui para manter memórias vivas, outros afirmam que o jornal informa fatos para serem consumidos no instante da divulgação e que, posteriormente, são completamente esquecidos.

Para este estudo, é valorizado o papel do Jornalismo como uma forma de preservar as memórias, afinal, o livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil*, o qual é um produto de trabalho jornalístico e literário, traz para a sociedade perspectivas e histórias que não teriam a oportunidade de serem descobertas e guardadas senão por esse meio. O recorte feito por Aleksiévitich é respaldado nas experiências que vítimas do acidente nuclear de Chernobyl vivenciaram, mostrando, por meio de várias fontes, o lado humano do desastre.

Com o objetivo de compreender melhor as memórias apresentadas nos depoimentos do livro *Vozes de Tchernóbil*, tem-se a necessidade de estudar o conceito de memória coletiva, proposta pelo pesquisador francês Maurice Halbwachs (1990). Ele explica que as memórias são mutáveis e que as pessoas se lembram porque são conectadas a grupos, os quais contribuem na rememoração do indivíduo.

Para Halbwachs (1990), as lembranças são coletivas porque as pessoas nunca estão sós. Mesmo se um indivíduo estiver sozinho em determinado ambiente, ele terá consigo lembranças de outros que ocuparam ou abordaram sobre aquele espaço. Mesmo se um fato ocorrer a apenas uma pessoa, esta estará cercada pelas influências de outros, os quais acabam fazendo parte do acontecimento também. Ou seja, o ser humano não tem uma lembrança só dele, ele vive em constante presença do outro. O convívio em comunidade e as relações sociais são grandes influenciadores das lembranças. Essa perspectiva parece ser a mesma da autora de *Vozes de Tchernóbil* quando fala de cada história como um tijolo e que juntos constroem um edifício.

Além dessa perspectiva de coletividade presente na vivência individual, Halbwachs (1990) também afirma que, muitas das vezes, as lembranças de uma pessoa precisam ser reavivadas por outros indivíduos que faziam parte da mesma comunidade e meio social da época, pois esses demais

pontos de vista podem contribuir para completar as lacunas que faltam na explicação de determinada memória. Juntos, eles podem rememorar o passado como um quebra-cabeças.

Percebe-se, portanto, seguindo os estudos de Halbwachs (1990), que os entrevistados de Aleksievitch não deram depoimentos somente deles, pois, para cada entrevista, a fonte estava rodeada de influências dos grupos sociais os quais participava. Assim, as visões levadas para o livro tornam-se coletivas também, retiradas de um grupo que compartilhou experiências em relação ao acidente em Chernobyl. Tendo essa perspectiva como foco, o número de vozes ouvidas, então, é muito maior do que é expresso individualmente por cada fonte. O presente é também um influenciador. Para Halbwachs (1990), a memória é uma reconstrução do passado a partir das influências do presente. Ou seja, uma pessoa pode ver o passado de forma diferente, dependendo da visão que ela possui no presente em que estiver evocando as lembranças antigas.

Partindo desse pressuposto, os relatos dados à Aleksievitch para a produção do livro, além de sofrerem a influência dos grupos sociais os quais os entrevistados faziam parte no momento do acidente, também são impactados pelo presente daquela fonte. Vozes de Tchernóbil foi lançado originalmente em 1997, onze anos após o ocorrido, e é válido lembrar que existem edições posteriores a essa, com relatos de mais pessoas. Ao longo do período de produção, a escritora colheu relatos que continham uma visão do passado já influenciada pelo presente de determinada fonte. Portanto, os depoimentos não são o reflexo da realidade presenciada porque, a memória em si, não é. Ela é construída e lapidada por fatores como o tempo e a coletividade. Bem como há de se considerar o número de entrevistados e o número de relatos que entraram o livro. De 700 entrevistados, a autora seleciona aproximadamente 100 relatos. Parece que ocorreu escolhas ao montar uma imagem da história, uma seleção que, pelo fazer jornalístico, se explicaria pelo relato que mais se destaca enquanto conteúdo informativo novo.

Na teoria de Halbwachs (1990), existe um conjunto de referências que ajudam o indivíduo a trazer as memórias à tona, o que ele intitula de “quadros sociais de memória”. Estes, são relacionados à língua, tempo e espaço. Graeff e Graebin (2018), ao estudarem as obras do pesquisador francês, afirmam que esses quadros são a reconstrução da realidade, já que a memória se organiza nessas dimensões — relações com outros e coisas, marcos temporais, sons e palavras, por exemplo — permitindo que ela possa ser lembrada.

Em *Vozes de Tchernóbil*, esses quadros sociais de memória podem ser identificados nos relatos. As fontes conseguiram rememorar pelo tempo, ao se lembrarem do ocorrido e as datas que sucederam os dias após a catástrofe no reator quatro; o espaço também contribuiu com a rememoração porque ao pensarem no ambiente de Pripyat, Chernobyl, imagens do passado conseqüentemente retornaram, para algumas pessoas; a língua contribui nessa ação de se lembrar devido às conversas que as pessoas tiveram, nas relações que cultivavam etc.

Conclui-se que o livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* é um instrumento que preserva a memória, apesar do exercício de lembranças e esquecimentos próprios da narrativa humana. Nele, várias pessoas tiveram espaço para o relato, o que não foi possibilitado, de acordo com a escritora, por outros meios. Aleksiévitich quis entrevistar pessoas simples, que eram esquecidas pelo governo e não tinham voz, mesmo tendo tanto a compartilhar. O livro deu esse espaço, contribuindo para que as memórias delas ficassem preservadas, e ao mesmo, compartilhando as histórias das vítimas com o mundo. Aqui, percebe-se o livro como um exercício de lembrança contra o esquecimento.

Além disso, o próprio livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* também constrói uma memória coletiva por conta da narrativa. Esta se propôs a reunir relatos e experiências diversas sobre um mesmo acontecimento de forma que se completam, fornecendo ao leitor uma visão ampla do ocorrido em 1986 e as conseqüências dele do ponto de vista das vítimas entrevistadas por Aleksiévitich.

4 METODOLOGIA

Este trabalho teve como objetivo fazer uma análise do livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil*, de Svetlana Aleksiévitich, voltada para o fazer narrativo da autora, visando a estudar características utilizadas para a montagem do livro. Para a realização deste estudo, foi necessário o uso de metodologias de pesquisa. Estas são importantes porque, por meio dos procedimentos considerados intelectuais e técnicos delas, o conhecimento é alcançado. Um conhecimento só pode ser considerado científico com as técnicas trilhadas por esses métodos, que lapidam e dão veracidade ao objeto de pesquisa (GIL, 2008, p. 8).

De acordo com Gil (2008), existe uma diversidade de métodos que trilham o conhecimento dependendo do objetivo do pesquisador. Para este trabalho foram escolhidas as pesquisas

bibliográfica, documental, exploratória e qualitativa além do método de análise de conteúdo. Segundo Gonsalves (2001), as duas primeiras são importantes para trabalhos científicos porque permitem que o pesquisador obtenha informações de dados já escritos em meios como livros e artigos, e é exatamente o que foi feito neste estudo, com a obtenção de dados de bibliografias a respeito do universo do Jornalismo Literário e do acidente nuclear de Chernobyl, por exemplo.

A pesquisa exploratória também é um método importante a ser utilizado. Conforme Gil (2008, p. 27), ela é realizada “especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”. Esse é o caso em que se encontra o presente trabalho. Por ser um tema desconhecido e não explorado, teve-se a necessidade de adentrar nessa temática e proporcionar uma visão geral dela.

Outra pesquisa que foi necessária para a produção deste estudo foi a qualitativa. Godoy (1995) explica que ela utiliza dados descritivos sobre pessoas e lugares, obtidos diretamente pelo contato com o pesquisador, tendo a função de compreender os fenômenos de acordo com as perspectivas desses participantes. Com a pesquisa qualitativa, portanto, foi possível dar profundidade ao tema, possibilitando o contato profundo do pesquisador com a temática do trabalho.

Por fim, para este Trabalho de Conclusão de Curso foi necessário o suporte metodológico da análise de conteúdo, o qual “[...] visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (BARDIN, 1977, p. 44).

Nesta pesquisa, a análise de conteúdo foi importante ao guiar a pesquisadora na forma de analisar o livro-reportagem e de o dividir em tópicos, para em seguida, realizar o estudo mais aprofundado sobre cada um desses. Com isso, foi possível compreender melhor as abordagens e direções tomadas por Aleksiévitich para a escrita de *Vozes de Tchernóbil*, e em como o conteúdo produzido contribuiu para contar os bastidores do desastre ocorrido em 1986.

Bardin (1977) afirma que para a realização de uma análise de conteúdo três etapas devem ser seguidas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A primeira é voltada para a organização do material a ser estudado, formulação de hipóteses e objetivos, e a sistematização das ideias iniciais. A segunda diz respeito ao estudo mais aprofundado do objeto e

a codificação dele; a última é o tratamento das informações estudadas e a interpretação delas (BARDIN, 1977).

As três fases foram seguidas. Primeiramente, a pesquisadora leu o livro *Vozes de Tchernóbil* por completo, seguindo uma leitura flutuante a fim de conhecer o conteúdo e já formular, a partir do que foi lido, quais seriam as principais características presentes no fazer jornalístico literário de Svetlana Aleksievitch. Também houve a preparação do material, com a criação de uma tabela do *corpus* de estudo, a fim de ajudar na análise posterior. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1977, p. 96). No caso, foram selecionados os monólogos presentes em *Vozes de Tchernóbil* e os Coros.

A segunda fase foi realizada com o estudo intenso do objeto pesquisado e a codificação do corpus do trabalho. Por meio de regras precisas, a codificação transforma os dados brutos do texto e “permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível a esclarecer o analista acerca das características do texto” (BARDIN, 1977, p. 103).

Por último, foi escolhido o modo de categorização. Esta, segundo Bardin (1977, p. 117) é “uma operação de classificação de elementos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Foram definidas as categorias que representassem as características do fazer literário de Aleksievitch mais observadas durante a leitura geral do livro-reportagem: Sentimentalismo; Intervenção da autora no texto; Detalhamento das cenas; Marcas de oralidade. A escolha das categorias teve como base as características do Jornalismo Literário, e também, as características que livros-reportagem possuem, apontadas por Rocha e Xavier (2013) e Costa e Silva (2017). Foram selecionadas aquelas que foram mais observadas durante a leitura fluente do livro *Vozes de Tchernóbil*.

O Sentimentalismo está relacionado com a exploração da humanização proposta por Rocha e Xavier (2013). A Intervenção da autora é voltada para o espaço que o jornalista tem para mostrar presença no livro-reportagem, enquanto o Detalhamento de cenas é a possibilidade de narrar cenas de forma detalhada nesse conteúdo jornalístico; a opinião do jornalista e o detalhamento, como já citados, foram apontados por Costa e Silva (2017) como características importantes que compõem um livro-reportagem. Por fim, as Marcas de oralidade foram selecionadas para identificação e análise pela flexibilidade permitida pelo Jornalismo Literário na escrita e possibilidade de trabalhar

com o texto de maneira mais expressiva, fugindo do lead clássico dos jornais norte-americanos.

Cada relato/monólogo presente no livro-reportagem, portanto, foi analisado, e a pesquisadora fez a identificação no texto das categorias estabelecidas. Após esse processo, a análise de conteúdo chegou na última fase, voltada para o tratamento e interpretação das informações estudadas.

5 ANÁLISE DE VOZES DE TCHERNÓBIL

O objetivo geral deste trabalho foi analisar o livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* com o propósito de compreender como essa obra jornalística literária contribui para contar a história do acidente de Chernobyl em uma versão para além do fato, mostrando o lado íntimo e emocional dos entrevistados. Para atingir os objetivos propostos, apresenta-se a análise ponto a ponto de cada categoria desenvolvida na metodologia, a saber: Intervenção da autora no texto; Detalhamento das cenas; Marcas de oralidade; Sentimentalismo. Cada categoria será identificada seguida de breve análise das percepções do estudo. Porém, primeiramente, é necessário abordar brevemente a estrutura do livro.

O livro *Vozes de Tchernóbil* de Svetlana Aleksievitch possui 383 páginas³ e é dividido em nove partes: “Nota histórica”, “Uma solitária voz humana”, “Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo”, “Primeira parte: a terra dos mortos”, “Segunda parte: a coroa da criação”, “Terceira parte: a admiração pela tristeza”, “Uma solitária voz humana”, “A título de epílogo” e “Apêndice — a batalha perdida”.

A “Nota histórica” possui várias informações bielorrussas divulgadas na internet entre os anos de 2002 e 2005. Elas, que iniciam o livro, levam o contexto do ocorrido para o leitor, dando breves ideias sobre o que seria discutido ao longo da obra.

Em “Uma solitária voz humana”, Aleksievitch utiliza a história de Liudmila Ignátienko, esposa de um bombeiro que trabalhou durante a catástrofe e morreu por causa disso. É um monólogo mais extenso que a média dos que estão presentes em *Vozes de Tchernóbil*, além de ser um dos mais emocionais; a escritora utilizou o mesmo recurso no final do livro, com um outro monólogo extenso

³ O livro analisado nesta pesquisa é o da versão brasileira, lançado pela editora Companhia das Letras.

e sentimental, também intitulado de “Uma solitária voz humana”; este, no entanto, foi narrado por Valentina Timofiévna Apanassiévitch, esposa de um liquidador que faleceu devido ao trabalho na zona proibida. Percebe-se que a autora escolheu fontes impactantes para iniciar e concluir a obra. Ambas falaram sobre o adoecimento e a morte causada pela radiação.

Após a aparição da primeira fonte, que disponibilizou um texto impactante e repleto de informações, Aleksiévitich escreveu o capítulo “Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo”. Nessa parte, ela explica os motivos de ter escrito *Vozes de Tchernóbil* e o processo de produção, e conta que essa obra é íntima, porque ela mesma vivenciou a catástrofe por viver na Bielorrússia, um dos países mais afetados pela radiação liberada com o acidente. Aleksiévitich também discorre sobre o povo bielorrusso, o sistema comunista da época e as censuras, e as consequências da catástrofe para as pessoas.

Depois de apresentar os motivos de ter escrito a obra e em como esta é um reflexo da realidade vivida por ela, Aleksiévitich divide o livro em três partes: “Primeira parte: a terra dos mortos”, “Segunda parte: a coroa da criação”, “Terceira parte: a admiração pela tristeza”. Nessas três seções estão presentes vários monólogos e também os “Coro de soldados”, “Coro do povo” e “Coro de crianças”, respectivamente. Enquanto os monólogos são predominantemente narrados por apenas uma fonte, os Coros possuem várias histórias, não identificando o entrevistado; na verdade, Aleksiévitich apresenta as fontes somente no início de cada Coro, ao informar o nome das pessoas; no entanto, não é possível saber quem é o responsável por cada relato.

Com a conclusão da “Terceira parte: a admiração pela tristeza”, Aleksiévitich finaliza a apresentação de monólogos com o de Valentina Timofiévna Apanassiévitch, intitulado de “Uma solitária voz humana”, o qual, como já citado, é repleto de sentimentalismo. Após essa parte, tem-se a seção “A título de epílogo”, que, assim como a “Nota histórica”, utiliza informações extraídas de jornais bielorrussos. Essas foram divulgadas entre os anos de 1986 e 2005, e falam sobre o turismo em Chernobyl. Percebe-se que, a ideia da autora em finalizar o livro com essa informação, de certa maneira se apresenta como uma crítica à forma com que os veículos de imprensa bielorrussos tratavam do assunto, levando o lado positivo do desastre para a mídia, o que, após a leitura completa de *Vozes de Tchernóbil*, se torna em algo contraditório, afinal, o acidente na usina

de Chernobyl ceifou a vida de várias pessoas e não há motivo para lucrar em um ambiente que foi o local de morte e adoecimento de tantos indivíduos.

O livro *Vozes de Tchernóbil* é narrado, com exceção às notas de imprensa, em primeira pessoa. Todos os monólogos são apresentados assim, como se as fontes estivessem conversando com a autora durante o processo de entrevista. Em vários momentos, os entrevistados interagem com Aleksiévitich, a fim de pedir algo, perguntar ou simplesmente interagir, como se estivessem em uma conversa ao vivo. Essa técnica de utilizar a primeira pessoa na narração de *Vozes de Tchernóbil* cria uma sensação de conversa entre leitor e fonte, fazendo com que o compartilhamento dos bastidores do acidente se torne mais íntimo, humano e emocional.

Além do emprego de primeira pessoa, Aleksiévitich utiliza outros recursos para a criação das narrativas do livro. Assim como já citado, características muito observadas ao longo da leitura de *Vozes de Tchernóbil* foram o Sentimentalismo, a Intervenção da autora no texto, o Detalhamento das cenas e as Marcas de oralidade. Este trabalho tem como objetivo compreender as marcas narrativas do fazer jornalístico literário da autora, portanto, foi necessário um estudo sobre cada uma dessas características listadas para entender como elas contribuíram com o texto.

As partes do livro que não sofreram análise foram as que possuem informações da imprensa bielorrussa — afinal, Aleksiévitich apenas reproduziu o texto —, a do capítulo em que a própria autora narra, pois ele é mais focado em fazer um aparato geral sobre o livro e os motivos de Aleksiévitich o escrever, e a do Apêndice, que foi uma transcrição do discurso da escritora durante a premiação do Nobel de Literatura, em 2015.

As quatro características (Sentimentalismo, Intervenção da autora no texto, Detalhamento das cenas, Marcas de oralidade) foram analisadas nos monólogos e, posteriormente, quantificadas. Abaixo está o quadro resumido da quantificação de cada uma delas:

Quadro 1 – Quantificação das categorias

Característica	Quantidade presente nos monólogos
Sentimentalismo	51
Intervenção da autora no texto	141
Detalhamento das cenas	15
Marcas de oralidade	336

Fonte: AUTORA (2020)

O Sentimentalismo está presente no livro em 51 momentos. O uso dele foi importante para retratar os sentimentos das fontes, mostrando ao leitor o humanismo nos relatos. Com isso, é possível imaginar os sentimentos das pessoas em relação ao ocorrido. Muitas fontes tiveram narrações sentimentais, principalmente ao falarem sobre parentes que adoeceram ou morreram por conta da exposição à radiação.

Por meio do Sentimentalismo, o que foi contado nas entrevistas deixa de ser apenas uma reprodução de acontecimentos e memórias e se torna em uma história mais completa, dando voz ao que não pode ser visto. Não é apenas a morte de um homem, e sim, a morte de um homem e o sofrimento da esposa dele; é o adoecimento de uma criança junto ao desespero dos familiares.

Para identificar como Sentimentalismo, a pesquisadora do trabalho buscou por momentos em que os entrevistados abordassem sobre os próprios sentimentos, expressassem emoção durante os relatos ou demonstrassem estar desconfortáveis com a entrevista por conta do contexto. Como exemplo dessa categoria presente no livro, tem-se o relato de uma fonte desconhecida, a qual a história fez parte do “Coro de soldados”, localizado na seção “Primeira parte: a terra dos mortos”. O homem, que trabalhou em zona proibida, absorveu radiação, porém não se precaveu suficientemente:

[...] Em casa, tirei toda a roupa que usei e joguei no lixo. Mas dei o barrete para o meu filho pequeno. De tanto que ele me pediu. Pegou e não largou mais. **Depois de dois anos, veio o diagnóstico: tumor no cérebro. Daqui para a frente, você escreve... Não quero mais falar...** (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.108, grifo nosso).

O Sentimentalismo está presente nesse trecho tanto por conta do contexto, que é o do adoecimento de uma criança em consequência da radiação, quanto pelo desconforto do pai ao falar do assunto. Entende-se que, quando o soldado diz “Daqui para a frente, você escreve... Não quero mais falar...”, ele está tão incomodado e abalado pela conversa, que não quer continuar a relatar. Tem-se a suposição de que o homem se sente culpado pela doença do filho, afinal, ele deu o barrete radioativo ao menino. Mesmo sendo cuidadoso ao jogar no lixo a roupa usada em missão, ele falhou ao manter o barrete. Ao adotar o Sentimentalismo no livro, Aleksievitch torna o acidente de Chernobyl ainda

mais terrível diante ao público porque o sofrimento humano fica mais aparente.

A segunda categoria de análise é a da Intervenção da autora. Entende-se que o uso dessa característica contribuiu para informar ao leitor sobre o que acontecia nas entrevistas, ajudando-o a criar uma imagem do relator enquanto este era entrevistado por Aleksievitch. Além disso, a Intervenção auxiliou na identificação do Sentimentalismo por parte das fontes porque quando Aleksievitch identificava a emoção do indivíduo, escrevia que ele estava pensativo, exaltado ou chorando, por exemplo. É válido ressaltar que essa identificação pode ser considerada subjetiva, porque é feita de acordo com os critérios da escritora do que ela acredita ser pensativo, exaltado etc. No entanto, mesmo com a subjetividade, é inegável afirmar que as intervenções contribuem com a criação de cenários e imagens do que estava sendo contado pelo entrevistado além do momento em que é contado para a jornalista, transportando o leitor para esses espaços imaginados.

Ao todo, Aleksievitch interveio no texto 141 vezes. Nesses momentos, ela fez perguntas, caracterizou a fonte em relação à emoção aparente e contou sobre algum imprevisto ocorrido durante a entrevista ou de alguma ação feita pelo relator. Todas as vezes em que interveio no texto, a escritora colocou as palavras entre parênteses.

Um exemplo dessa característica no livro está presente no relato de Vladímir Ivanóv. Ele, que trabalhava para o governo naquela época, tinha informações sobre o que havia acontecido na usina, porém, era ordenado a não alertar ao povo sobre o ocorrido a fim de não causar pânico. Ivanóv seguiu as ordens e continuou a viver na região junto da família. Segundo o monólogo, para ele, a radiação liberada pelo acidente não era danosa ou grave, e devido a isso, ele não se considera culpado, pois sofreu os mesmos impactos radioativos que as pessoas da região contaminada. Aleksievitch interfere em uma parte do monólogo de Ivanóv em que ele questiona o julgamento dos outros sobre as ações dele:

“Se eu sou criminoso, por que não cuidei da minha própria criança? **(Seguem palavras desconexas.)** Eu mesmo... Ela... Na minha casa... **(Depois de algum tempo se acalma.)**” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 308, grifo nosso).

Na análise desse trecho, percebe-se que a intervenção da autora contribuiu para o leitor montar a

imagem de Ivanóv durante a entrevista. Tendo conhecimento sobre o contexto com o qual o homem se insere — um trabalhador do governo que na época do acidente não acreditou nas consequências da liberação de radiação — as intervenções fazem ainda mais sentido. Ao afirmar que “(Seguem palavras desconexas.)” ao falar sobre a neta, que adoeceu por conta da radiação, e “(Depois de algum tempo se acalma.)”, Aleksiévitich dá uma ideia ao leitor de que o relator está perturbado, sem palavras e exasperado. Compreende-se que, ao falar do assunto, ele fica confuso e não possui argumentos; mesmo afirmando ser inocente, Ivanóv não sustenta o próprio discurso.

Por meio das várias outras intervenções, Aleksiévitich ajuda o leitor a expandir a visão sobre o entrevistado, o que conseqüentemente também contribui na aproximação de quem contou história com quem a leu.

A terceira característica adotada por Aleksiévitich para construir os textos é a do Detalhamento das cenas, a menos utilizada em Vozes de Tchernóbil entre as quatro categorias escolhidas para análise. Os relatos são, predominantemente, compostos por fragmentos de histórias e momentos. Tem-se uma narrativa linear na maioria deles, porém, não existem muitas cenas para serem detalhadas, ou porque a escritora decidiu não as selecionar para o livro, ou porque o detalhamento não trazia elementos suficientes para sustentar essa característica. Vários personagens contam sobre o que ocorreu em determinado dia de forma sintetizada, sem dar aprofundamento a algum momento especial.

Com o Detalhamento das cenas, o relato se torna mais visível. O leitor consegue entender mais sobre certo acontecimento, pois este está melhor descrito. Por meio dessa característica, Aleksiévitich dá mais detalhes acerca de um momento específico, contribuindo para um maior entendimento sobre a situação do personagem nele. Isso é importante para o livro porque explicita as ações dos personagens, assim como o emocional deles. Mais uma vez, Aleksiévitich aproxima o leitor da fonte.

Após a análise dessa categoria, foram observadas no livro 15 vezes em que existiram cenas detalhadas. Para a pesquisadora do estudo, o Detalhamento de cenas deve envolver um momento que explique a situação específica da cena e do personagem, e informe sobre o local em que ela acontece. Por exemplo:

Ao voltar do cemitério, chamei logo a enfermeira:

“Como ele está?”.

“Morreu há quinze minutos”.

Como? Eu estive com ele a noite toda. Só me afastei por três horas! Apoiei-me à janela e gritei:

“Por quê? Por quê?”.

Olhei para o céu e gritei. Todos no hotel ouviram... Tinham medo de se aproximar de mim. Então, me recompus e pensei: É a última vez que o verei! Vou vê-lo!. Desci a escada, tropeçando... Ele ainda estava na câmara hiperbárica, não o haviam levado. As últimas palavras dele foram: Liúcia! Liúciénka!

“Acaba de partir. Agora mesmo”, tentou me acalmar a enfermeira.

(ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 31).

Nessa cena, percebe-se que os três critérios foram alcançados: a situação específica é a da morte do marido de Liúciénka; a situação do personagem narrador, que é a própria Liúciénka, é a de desespero e tristeza pela perda do esposo; o local em que a cena ocorreu é o hospital, mesmo que a narradora tenha se deslocado entre duas salas (a primeira, não muito detalhada, e a segunda, a câmara hiperbárica). Por meio dessa cena, que possui mais detalhamento que as demais, Aleksiévitich proporciona ao leitor a angústia e sofrimento da fonte. Ao saber que o marido havia morrido, Liúciénka se culpou pelo afastamento de três horas, gritou, desceu as escadas correndo em direção ao corpo do homem. É uma sucessão de fatos que auxiliam o leitor a montar uma imagem do ocorrido, permitindo uma compreensão maior sobre a situação do narrador naquele momento específico, que era de desespero e desolação.

Considerando o conceito de memória coletiva e a ação de formação de quadros sociais de memória, pensa-se que a descrição de cenas não ter sido tão explorada como as demais características se dá pelo fato de que, ao descrever a reação de uma esposa que perdeu o marido no hospital, descreve-se a reação de todas elas. A autora parece adotar a técnica para poupar o leitor de reviver a dor da morte a todo momento ao longo de todas as narrativas, mesmo que em todas as histórias a morte é posta como certa.

A última característica analisada e que esteve presente 336 vezes foi a de Marcas de oralidade. Estas contam com expressões de conversas orais adotadas no texto escrito e que possuem coloquialidade. Foram classificadas como Marcas de oralidade todas as palavras ou frases que fossem ou possuíssem: expressões repetidas, gírias, hesitação e expressões idiomáticas.

As Marcas de oralidade foram importantes para o livro porque, assim como nas outras três categorias, aproximaram o leitor do entrevistado ao contribuírem ainda mais para a ideia de que o relator está conversando, contando uma história para aquele que a lê. Elas também auxiliaram na diferenciação dos personagens, pois não só as histórias se mostraram diferentes de acordo com cada monólogo, mas a maneira de falar das fontes também ajudou no momento de distinção dos relatos. Algumas utilizaram expressões idiomáticas e repetidas, enquanto outras adotaram uma narração mais culta. A personalidade dos entrevistados, de certa forma, é expressada.

Um exemplo do emprego de Marcas de oralidade está presente nesta sentença: “Ligo o rádio. E não param de nos assustar com a radiação. Mas nós vivemos bem com a radiação. **Juro pela cruz!**” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83, grifo nosso). Percebe-se que a utilização da expressão idiomática “Juro pela cruz!” dá um tom para texto de conversa oral, em que a fonte quer convencer Aleksiévitich, quando era entrevistada pela jornalista, de que falava a verdade. Queria convencer Aleksiévitich que a radiação não a assustava, ela jurava que vivia bem. Ao longo do monólogo, a narradora Anna Petróvna Badáieva usa a mesma expressão outras vezes; compreende-se, portanto, que é uma marca de fala da própria personagem.

Com a análise dessas quatro categorias, tem-se o entendimento que Aleksiévitich produziu um conteúdo jornalístico literário repleto de informações. As características que constituem um livro-reportagem citadas por Rocha e Xavier (2013) e Costa e Silva (2017) estão presentes em *Vozes de Tchernóbil*, com a pluralidade de fontes, humanização, detalhamento de cenas, espaço para a narração do jornalista etc.

Percebe-se que o trabalho de Aleksiévitich nessa obra valorizou a aproximação com o leitor, levando os bastidores do acidente de Chernobyl para ele de uma maneira mais íntima e humanizada. Em *Vozes de Tchernóbil*, a emoção não é descartada, e a tristeza humana fez parte dos relatos, refletindo uma realidade vivenciada; a autora mostra ao leitor o que as palavras dos monólogos às vezes não conseguem transmitir, como os aspectos emocionais da fonte durante a entrevista;

algumas cenas são detalhadas, permitindo um entendimento maior das ações e sentimentos do narrador em determinado contexto; a narração do entrevistado possuiu o tom oral, dando ao livro o aspecto de uma conversa, de uma contação de memórias e acontecimentos.

A união do Jornalismo com a literatura, por conseguinte, resultou em um livro-reportagem que preservou memórias e compartilhou informações e sentimentos de vítimas ao mesmo tempo em que denunciou a negligência do governo e do próprio homem soviético. O Jornalismo Literário e o livro-reportagem, portanto, se provam importantes na abordagem de assuntos que precisam de um maior aprofundamento, pesquisa e desenvolvimento. A união do Jornalismo com a literatura entra em contramão com o Jornalismo tradicional, que hoje é marcado pelo imediatismo da tecnologia e não valoriza o tempo necessário para a apuração e produção de um conteúdo mais extenso e detalhado.

7 CONCLUSÃO

Por meio deste estudo foi possível entender melhor sobre o fazer jornalístico literário da autora ucraniana Svetlana Aleksievitch no livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil*. A junção do Jornalismo com a literatura praticada por Aleksievitch se mostrou importante ao resultar em um livro-reportagem informativo e humano ao mesmo tempo. Ele permitiu uma nova percepção sobre as consequências causadas pelo acidente na usina nuclear de Chernobyl ao mostrar o sofrimento das vítimas da radiação.

Ao dar espaço para as fontes contarem as próprias histórias, Aleksievitch conseguiu produzir um livro com pontos de vistas variados, os quais abordaram muitos assuntos, desde a dor da perda e do adoecimento pela radiação até a negligência e ignorância, tanto do governo soviético quanto dos moradores, que não acreditavam na gravidade da situação pós-acidente. Com os recursos jornalísticos literários analisados nesta pesquisa, compreendeu-se que a autora conseguiu aproximar o leitor do entrevistado, possibilitando que ele se envolvesse mais nas histórias contadas, entendendo-as de maneira mais íntima.

Esta pesquisa, a qual teve os objetivos específicos e geral alcançados, pode servir de apoio para outros pesquisadores da área de Comunicação Social - Jornalismo, possibilitando explicações voltadas para a estrutura do livro-reportagem *Vozes de Tchernóbil* e os principais aspectos de

escrita utilizados por Svetlana Aleksievitch. Conseqüentemente, eles podem visualizar a importância dos recursos que a autora utilizou para a contação de histórias e divulgação e informações.

Pensando no futuro deste trabalho, tem-se o desejo de o transformar em uma tese de mestrado focada em compreender ainda mais as características que foram analisadas aqui e em como elas contribuem no compartilhamento de informações para o campo do Jornalismo Literário.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil, a história oral do desastre nuclear**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ACADEMY OF ACHIEVEMENT. **Svetlana Alexievich, Academy Class of 2017, Full Interview**. 2017. 42'26". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=63X3wIRPiWM>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das musas, 2010.

CEPE. Livro-reportagem: o fato revelado através da literatura. **CEPE**. 30 de jul de 2020. Disponível em: <<https://www.cepe.com.br/noticias/livro-reportagem--o-fato-revelado-atraves-da-literatura>>. Acesso em: 20/09/2020.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Nobel de Literatura, jornalista Svetlana Alexievich se encontra com leitores em São Paulo**. 2016. 51'59". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BIrQA9qqmW0>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Quem é Svetlana Alexievich? Conheça a vencedora do Nobel da Literatura. **Correio Braziliense**. 08 out. 2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/10/08/interna_diversao_arte,501775/conheca-a-bielo-russa-que-venceu-o-premio-nobel-de-literatura.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2020.

COSTA, Daniel P.P; SILVA, Fernando Lopes. **O conceito de “livro-reportagem”**: Subsistema jornalístico e suporte editorial. *In*: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MINAS GERAIS, 10, 2017, Belo Horizonte (MG). Anais [...] Belo Horizonte – CEFET-MG, 2017.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (org.). **Memória social**:

revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Unilasalle Editora, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica.** São Paulo: Editora Alínea, 2001.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

International Atomic Energy Agency — IAEA. Frequently asked Chernobyl questions. **IAEA.** 2020 Disponível em: <<https://www.iaea.org/newscenter/focus/chernobyl/faqs>>. Acesso em: 05/09/2020.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Revista Pauta Geral** - Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões. **Anuário Unesco/Metodista de comunicação regional**, v. 13, n. 13, p. 145-159, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. supl., out. 2016.

MENEZES, Regina Tavares de. **Memória em papel: o jornalismo popular e a memória coletiva.** 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NECCHI, Victor. A (im)pertinência da denominação do “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v.6, n.1, jan/jun, 2009.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43-58, 2007.

REIS, Mariana. Vozes, memórias e conflitos: um olhar sobre a narrativa no jornalismo contemporâneo. **Comunicologia**, Brasília, UCB, v.10, n.2, p. 85-95, jul./dez. 2017.

ROCHA, P.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013.

THE NOBEL PRIZE. Svetlana Alexievich Biographical. **THE NOBEL PRIZE.** 2015. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2015/alexievich/biographical/>>. Acesso em: 05/09/2020.